



JORDÂNIA / Sob acusação de complô para desestabilizar a monarquia, meio-irmão do rei Abdullah II está em prisão domiciliar. Autoridades revelam "plano malicioso" e anunciam 16 detenções. EUA prestam apoio a Amã

Intriga palaciana

» RODRIGO CRAVEIRO

Um meio-irmão destituído da sucessão ao trono é acusado de um complô para "desestabilizar" o reino hashemita da Jordânia. As autoridades de Amã anunciaram o desmantelamento de um "plano malicioso" e ordenaram a prisão domiciliar de 16 pessoas, entre elas, o ex-príncipe herdeiro Hamzah bin Hussein, 41 anos, o filho mais velho do falecido rei Hussein e da rainha Noor Al Hussein. Ayman Safadi, vice-primeiro-ministro da Jordânia, revelou que "os serviços de segurança monitoraram interferências e comunicações com atores no exterior sobre o tempo certo para desestabilizar a Jordânia".

Segundo Safadi, as atividades e os movimentos de Hamzah, de Sherif Hassan bin Zaid (ex-chefe da Corte Real) e de Bassem Awadallah (ex-ministro de Planejamento e de Finanças) foram acompanhados pelas investigações durante um longo período. Um dos dados suspeitos coletados pelo reino seria um contato de uma "agência de inteligência do exterior" com a princesa Basma Otoum, esposa de Hamzah, para a fuga do casal da Jordânia.

O escândalo veio à tona no sábado, quando a emissora britânica BBC recebeu um vídeo, enviado pelo advogado de Hamzah, na qual o ex-príncipe herdeiro relatava estar impedido de sair de casa, depois de uma visita do general Yusef Huneiti, chefe do Estado-Maior do Exército. Na gravação, Hamzah insiste que é inocente e denuncia "a corrupção e a incompetência que prevaleceram em nossa estrutura de governo nos últimos 15 a 20 anos e tem piorado a cada ano". "Não sou o responsável pela falta de vidas das pessoas nas instituições. (...) Não sou parte de nenhuma conspiração, organização nefasta ou grupo apoiado por estrangeiros."

A rainha Noor, mãe de Hamzah, escreveu no Twitter que "ora para que a verdade e a justiça prevaleçam para todas as vítimas dessa calúnia perversa". "Deus os abençoe e os mantenha em segurança", afirmou. "Ninguém está acima da lei; a segurança e a estabilidade da Jordânia têm precedência sobre qualquer

Complô no reino

Entenda as acusações que pesam contra um membro da monarquia

Os principais nomes da família real

<p>Rainha Rania</p> <p>Esposa do rei Abdullah II e rainha consorte desde 1999. Filha de palestinos, nasceu na Cidade do Kuwait e tem 50 anos. O casal tem quatro filhos, entre eles o príncipe herdeiro Hussein (27).</p>	<p>Princesa Basma Otoum</p> <p>Casada com o príncipe Hamza bin Hussein. Nascida em Stratford, no Canadá, tem 41 anos. O casal têm três filhos.</p>	<p>Príncipe Hamzah bin Hussein</p> <p>Meio-irmão do rei Abdullah II e herdeiro do trono até 2004, é o filho mais velho do falecido rei Hussein e da rainha Noor. Foi destituído da condição de herdeiro por Abdullah II.</p>	<p>Rei Abdullah II</p> <p>Membro da dinastia hashemita, é considerado descendente direto do Profeta Maomé. Filho mais velho do rei Hussein. Em 1999, ascendeu ao reino depois da morte do pai.</p>	<p>Rainha Noor</p> <p>Rainha-viúva da Jordânia, foi casada com o falecido rei Hussein. Aos 69 anos, nasceu em Washington D.C. e foi batizada como Lisa. Noor e Hussein tiveram quatro filhos, entre eles, Hamza.</p>
--	---	---	---	---



A conspiração

O ex-príncipe herdeiro Hamzah bin Hussein é acusado de trabalhar com "entidades estrangeiras" para desestabilizar o reino de Amã. Além de Hamzah, 16 pessoas foram detidas no sábado. As autoridades jordanianas o acusam de "buscar mobilizar líderes de clãs".

Apelo em vídeos

No sábado, Hamzah apareceu em vídeo declarando estar em prisão domiciliar, depois de uma visita do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Jordânia.

consideração", declarou o general Huneiti. Os Estados Unidos e aliados do Golfo Pérsico demonstraram apoio à Jordânia, avaliada como um pilar estabilizador no Oriente Médio. O mesmo movimento foi seguido por Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita.

Jamal Al Shalabi, professor de ciência política na Universidade Hashemita (em Zarqa, a 35km de Amã), admitiu ao **Correio** que a luta pelo poder teve início na ascensão de Abdullah II ao trono, em 1999, depois da morte de seu pai, o rei Hussein. "Tudo indicava que Hamzah era o mais próximo de assumir o poder, mas as normas constitucionais determinam que o filho mais velho do rei deve

ser o coroado e exigem que o mesmo tenha experiência. Hamzah carece de ambos os requisitos. Por isso, Abdullah II tornou-se o quarto rei da Jordânia, depois de seu pai, Hussein, de seu avô, Abdullah e de seu bisavô, Talal", explicou.

Ressentimento

Segundo Al Shalabi, Hamzah se ressentia do fato de o meio-irmão, o rei Abdulla II, tê-lo excluído da condição de príncipe herdeiro. "Em 2004, o rei Abdullah II o removeu de todas as missões ligadas ao reino, e apontou o filho Hussein bin Abdullah como príncipe herdeiro. Parece que Hamzah pretendia levar van-

tagem do estado de pobreza, corrupção e endividamento que a Jordânia experimenta para se restaurar como um rei em potencial", afirmou o jordaniano.

Al Shalabi adverte que a instabilidade pode impactar a segurança nacional. "A maioria das nações árabes apoia os passos tomados pelo rei ao que ele vê como um perigo e uma linha vermelha. No entanto, o meu país mantém longas fronteiras com Estados em guerra, com os quais não trava uma boa relação: Síria, Iraque, Israel e Arábia Saudita. Se houver instabilidade na Jordânia, ela deixará a região em apuros: seria um momento crucial para terroristas e fundamentalistas."

O especialista jordaniano em geopolítica Amer Al Sabaileh, morador de Amã, aposta que o incidente se limite à dinastia hashemita e à política interna. "Creio que os elementos que mais representem risco para a monarquia sejam a covid-19, a pobreza, o desemprego, a frustração e os problemas socioeconômicos. A falta de um plano de reforma política sério e os riscos às liberdades, à democracia e aos direitos humanos podem representar mais desafios a essa situação", disse ao **Correio**. Saibaileh acha que a manobra de Hamzah não vai desestabilizar o país. "No entanto, suas críticas ao sistema começam a incomodar as autoridades."

VATICANO

Papa pede a partilha de vacinas

Durante a tradicional mensagem de Páscoa, em missa celebrada a portas fechadas na Basílica de São Pedro, no Vaticano, o papa Francisco defendeu o compartilhamento das vacinas contra a covid-19 com as nações mais pobres. A comemoração da ressurreição de Jesus Cristo foi marcada pela aceleração da pandemia do novo coronavírus, apesar das campanhas de vacinação.

"No espírito de um 'internacionalismo das vacinas', exorto toda a comunidade internacional a um compromisso comum para superar os atrasos em sua distribuição e promover seu compartilhamento, especialmente nos países mais pobres", disse Francisco, em sua homilia, antes da bênção *Urbi et Orbi* ("À cidade e ao mundo"). Nos últimos dias, o Vaticano aplicou 1.500 doses de vacina em sem-teto que vivem nas imediações da Santa Sé.

Na presença de poucos fiéis e sob rígido protocolo sanitário, Francisco lamentou que a pandemia tenha causado "uma crise social e econômica muito grave, especialmente para os mais pobres". "Apesar de tudo, e isso é escandaloso, os conflitos armados não cessam e os arsenais são reforçados", criticou, ao explicar que o comércio de armas "causa estragos".

Conflitos

O líder católico fez menção a conflitos no planeta. Ele exortou que se "silencie finalmente o clamor das armas na querida e atormentada Síria, onde milhões de pessoas vivem atualmente em condições desumanas, assim como no Iêmen, cujas vicissitudes estão cercadas por um silêncio ensurdecedor e escandaloso, e na Lbia, onde, finalmente, se vislumbra a saída a uma década de enfrentamentos sangrentos".

Filippo Monteforte/AFP



Na missa de Páscoa, Francisco exortou acesso dos pobres à vacina

COVID-19 NA VENEZUELA

Maduro chama a cepa brasileira de "Bolsonaro"

Em tom ríspido, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, não poupou insultos ao colega brasileiro, Jair Bolsonaro, durante pronunciamento à nação na tarde de ontem. Ao fazer um balanço da pandemia da covid-19 em seu país, Maduro disparou: "É um desastre, a variante brasileira deveria chamar-se 'a variante Bolsonaro'". "A variante Bolsonaro... Porque ele é o culpado por abandonar o seu povo e por ser louco, insensível, um psicopata. Um psicopata! Insensível! Não lhe dói o povo do Brasil. Não lhe dói nada. A ele só interessa sua loucura. Vejam a situação que ele meteu o Brasil e a humanidade. O Brasil é o epicentro mundial das variantes mais perigosas e da expansão do coronavírus. Essa é a verdade", declarou o líder venezuelano.

Maduro reconheceu que as cepas brasileiras do Sars-CoV-2 têm uma "carga de virulência maior e mais forte". "Nosso povo deve cuidar-se mais e melhor. As famílias devem se cuidar mais", aconselhou, ao admitir que as variantes do Brasil estão em circulação na Venezuela. O país registrou, ontem, o maior número de

casos da covid-19 em 24 horas desde o início da pandemia: 1.779 infecções. Segundo o governo venezuelano, foram contabilizados também 15 mortos. Em março, a Venezuela contabilizou 21.380 casos. De acordo com o Centro de Pesquisas Coronavírus da Universidade Johns Hopkins, são 164.337 infecções e 1.647 óbitos. Maduro disse, também, que a segunda onda da pandemia está mais virulenta e perigosa por causa das variantes brasileiras.

"A variante brasileira avança mais rapidamente. Há gente que se automedica, e, se por qualquer razão, tem medo ou excesso de confiança, e não quer ir ao hospital, é um erro. Paga-se caro por isso. Conheço casos de gente que ficou em casa e começou a se automedicar. Em 48 horas, não podem respirar, se sentem mal e quase chegam a morrer", advertiu o presidente venezuelano. Ele defendeu o aumento no número de leitos hospitalares e pediu que a população não tome medicamentos por conta própria.

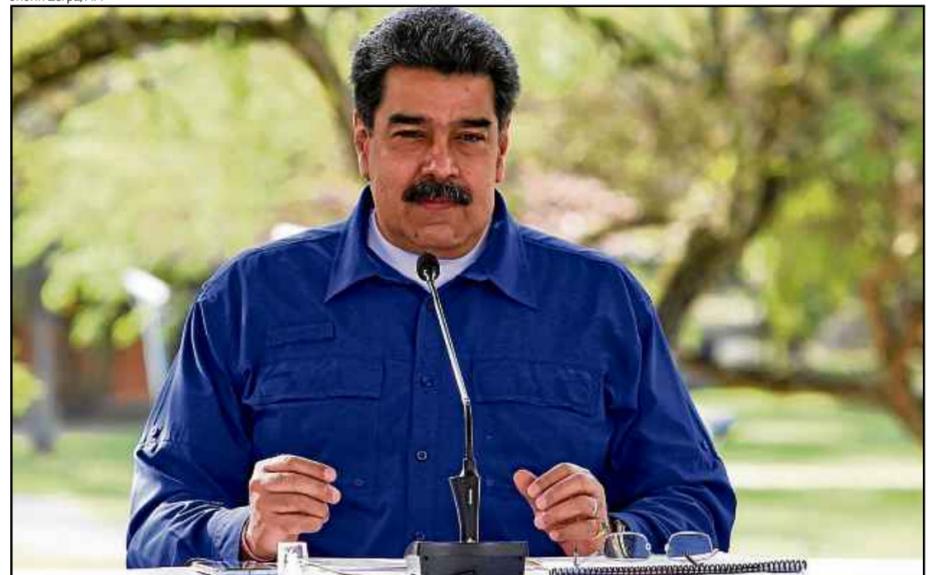
Durante a crise da falta de oxigênio em hospitais de Manaus e do Amazonas, em janeiro, o Palácio de Miraflores ofereceu ajuda

Ele (Bolsonaro) é o culpado por abandonar o seu povo e por ser louco, insensível, um psicopata"

Nicolás Maduro, presidente da Venezuela

ao Planalto para enviar suprimentos. Mesmo após a Venezuela efetivar a doação, Bolsonaro atacou Maduro durante uma live. "Vou fazer uma sugestão para o pessoal que adora o Maduro, que tal vocês fazerem uma proposta para o Maduro, que tal o Maduro conceder um auxílio emergencial para o seu povo. Tarcísio (perguntou ao ministro da Infraestrutura), na Venezuela tem cachorro? Não tem. É triste falar isso, mas o pessoal comeu tudo", ironizou.

Jhonn Zerpa/AFP



Minas terrestres

Em seu discurso, Maduro também anunciou que pedirá "ajuda imediata" à Organização das Nações Unidas (ONU) para "desativar os campos minados" que grupos irregulares plantaram, se-

gundo Caracas, na fronteira com a Colômbia. A região é palco de confrontos travados desde o fim de março. O ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Jorge Arreaza, "dirige uma comunicação ao secretário-geral, Antonio Guterres, para solicitar ajuda

emergencial imediata ao sistema das Nações Unidas para que tragam todas as técnicas para desativar os campos minados deixados por esses grupos irregulares de assassinos e de traficantes de drogas vindos da Colômbia", disse Maduro. (RC)